Ano XXIV — Lisboa, Novembro de 1968 — N.º 283

SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com "o Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

Redactor
Mariano Garcia

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telefs.: Red. 63 66 07 — Adm. 63 88 49 • Comp. e Imp.: Livraria Cruz — Braga

PROBLEMAS DO NOSSO TEMPO

A REBELIÃO JUVENIL — UM PROBLEMA DE INTEGRAÇÃO

POR
EDUARDO RIBEIRO

Diàriamente a Imprensa tem-nos dado notícias de movimentos de rebeldia juvenil que irrompem nos mais diferentes pontos do Globo com surpreendente regularidade. O problema está a tornar-se muito grave. Não merece a pena iludir a situação explicando que são movimentos fomentados por agitadores extremistas. Naturalmente que estes podem aproveitar os acontecimentos, mas não estão na sua origem. Basta verificar que as rebeliões tanto podem explodir no Ocidente como no Oriente; em São Francisco ou em Varsóvia; em Nova Iorque ou em Moscovo; em Paris e em Tóquio; tanto em Madrid como no Rio de Janeiro. Trata-se de um problema de carácter tão universal que a sua origem tem de ser procurada também numa causa que se faça sentir em todas essas latitudes.

Outro facto que importa apontar é que a rebelião afecta exactamente a juventude mais esclarecida e culta. São estudantes quem se manifesta e a agitação parte da Universidade para outros centros juvenis. Isso leva-nos a supor que a razão da crise esteja num motivo que faça apelo à inteligência.

Verifica-se ainda que a rebelião tem acentuado carácter de protesto, de oposição às gerações adultas. Regista-se um profundo desentendimento entre novos e os de mais idade, como tivemos já ensejo de estudar nestas mesmas colunas. Sabemos que o inconformismo juvenil é de todos os tempos. Sempre os novos procuraram novas concepções para alcançar os seus objectivos. Essa insatisfação conduz à busca de caminhos diferentes, é factor de progresso, mas nunca como hoje se revestiu de carácter demolidor e de tão violentos protestos. Estes movimentos, porém, nada têm de comum, no seu início, com actos de delinquência de jovens transviados, embora estes se venham a misturar e aproveitar a agitação para a prática dos seus desvarios habituais, contribuindo para agravar e prejudicar o conflito.

AS CAUSAS DA CRISE Tentando averiguar os factos, somos levados a reconhecer que o mundo que preparámos para as novas gerações é um mundo incongruente como nunca, defeituoso, onde reina a injustiça, impera a violência, existe a guerra. É este mundo que se depara aos jovens ao iniciarem o processo da sua integração na sociedade. A crise resulta exactamente desse problema. É muito profundo o choque sofrido pelos jovens ao entrar em contacto com um mundo tão doente, que não lhes oferece segurança nem lhes permite realizar os ideais de justiça e progresso social que sempre animam a alma esperançosa da juventude. É natural, pois, que a mocidade sinta o desejo, mesmo o dever, de intervir nesse mundo de forma a modificar a situação, a fazer vingar os anseios que lhes animam a vida. Mas as instituições não proporcionam oportunidade para uma verdadeira integração. Porque integrar é essencialmente fazer parte de um todo, por direito próprio, em igualdade de circunstâncias com todos os outros elementos componentes. Isto não acontece. Tudo quanto se oferece à juventude é pura subordinação, sujeição ao que existe, aderência a conceitos estabelecidos, a doutrinas dos mais velhos, enquanto muitos outros procuram ainda servir-se dos novos como meros instrumentos das suas ambições.

Continua na pág. 7

Os Escoteiros Portugueses participaram activamente no XI JAMBORI NO AR

ASSOCIAÇÃO DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

XI JAMBOREE NO AR

19/20 de Outubro de 1968

Realizou-se, nos dias 19 e 20 de Outubro último, o XI Jambori no Ar e novamente esta iniciativa escotista, que se estende a quase todos os cantos da Terra, se revestiu de grandiosidade e contribuiu, de algum modo, para estreitar os laços de amizade entre jovens de cidade diferente e até de continentes distantes. Vão-se, assim, satisfazendo os objectivos deste empreendimento escotista, em boa hora concebido para servir os ideais de comunhão da juventude.

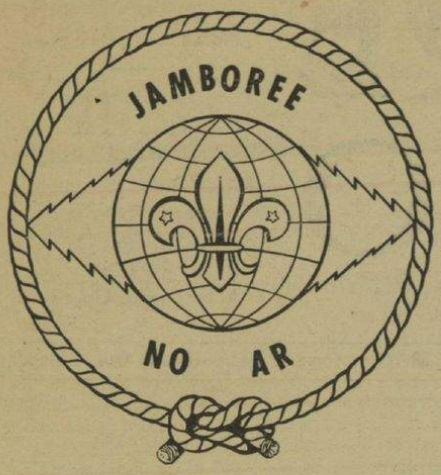
Também em Portugal o Jambori no Ar vai ganhando foros de tradição no trabalho de pelo menos alguns grupos, como se prova com as notícias que já chegaram ao nosso poder.

Os grupos da Capital do Norte mostraram-se muito activos no Jambori deste ano.

A 1.ª Companhia de Guias «Rainha Santa Isabel» da Região Norte desenvolveu um trabalho deveras notável, para o qual muito contribuiu o radiamador Sr. António Alvaro Ribeiro da Costa, do Porto, com o seu emissor CT1TR. Conseguiram as simpáticas guias nortenhas contactos com os Grupos 6 e 77, em Faro, 15, no Porto, 44, em Vila Nova de Gaia e S. Mamede de Infesta, 91, no lugar da Farrapa, 52, em Angra do Heroísmo e com o posto CR6AD, em Henrique de Carvalho (Angola). Famosos foram também os resultados conseguidos nos contactos com o estrangeiro. No seu relatório, estão registados os seguintes: Linz (Áustria), Ettelbrück (Luxemburgo), Brighouse (Inglaterra), Trieste e Curaçao.

A todos, as guias nortenhas endereçaram, em português, inglês e francês, a sua

Continua na pág. 6



O JAMBORI NO AR

— Das origens à actualidade

Como nasceu a ideia

Foi em 1957. Em Sutton Park, realizou-se uma inesquecível actividade escotista: o IX Jambori Mundial dos Escoteiros, acontecimento que comemorava o centenário de Baden-Powell e o Jubileu do Escotismo.

Sucesso que para sempre se assinalará nos anais do movimento, este Jambori teve ainda o merecimento de inspirar uma nova realidade escotista: — os Jamboris no Ar.

A sugestão desta actividade foi dada pela estação de onda curta que funcionou durante o JIM (nome com que foi designado este grande acampamento, formado pelas iniciais de Jambori, *Rover-Moot* e *Indaba*, pois estas duas últimas reuniões também se realizaram simultâneamente com o Jambori Mundial). Essa estação era a GB3SP. Efectivamente, foram milhares os contactos estabelecidos então com postos de radiamadores escoteiros de quase todo o mundo, o que fez radicar em todos a ideia de que, além do Jambori que se realizava em Sutton Park, outra grande reunião — extraordinária reunião — se estava fazendo através dos ares: era um verdadeiro Jambori no Ar!

O I Jambori no Ar

Nasceu, assim, a ideia e logo em Maio do ano seguinte — 1958 — nos dias 10 e 11, se efectuou o I Jambori no Ar, com o que se pretendia se constituísse uma cadeia de amizade e fraternidade, um encontro de escoteiros de todo o mundo através da Rádio, trocando saudações e cumprimentando-se numa jornada de boa vontade entre a juventude de todas as latitudes, não só no sentido geográfico, como também no espiritual.

E realmente assim aconteceu: conforme publicava a revista canadiana *Scout Leader*, havia «alguma coisa de novo debaixo do Sol». O I Jambori no Ar, embora não tivesse atingido o êxito que coroaria os subsequentes, devido às más condições atmosféricas e a escassez de tempo para a sua conveniente organização, foi, sem dúvida, uma actividade útil e que deu bons ensejos para a manifestação do espírito escotista.

A iniciativa prossegue

Tanto assim aconteceu que, no ano imediato, em Outubro, houve nova edição desta iniciativa. A fim de que a actividade, de invulgar amplitude, não demonstrasse carência de meios de acção, a sua organização passou a ser confiada à Repartição Mundial do Escotismo, nesse tempo instalada em Otava. O Jambori no Ar tornou-se desta maneira um dos itens mais relevantes do calendário oficial do escotismo mundial.

Progredindo de ano para ano, o Jambori no Ar voltou a estar *no ar* em Outubro de 1959 e em igual mês de 1960.

Portugal no Jambori no Ar

Foi no Jambori desse ano — o III — que, pela primeira vez, participaram escoteiros portugueses. Efectivamente, apesar de «*Sempre Pronto*», desde o primeiro ano, ter chamado a atenção dos escoteiros da nossa terra para esta interessante actividade, só em 1960 se conseguiu que elementos escotistas da cidade da Beira, na nossa província de Moçambique, dessem ao importante acontecimento a sua colaboração. Estes companheiros lograram contactar com VE3JA, a estação da Repartição Mundial do Escotismo, que funcionava em Otava!

Para se avaliar da expansão do Jambori no Ar, é suficiente dizer-se que, só aquela estação canadiana, estabeleceu cerca de 400 contactos com 23 países!

O Jambori no Ar era inegàvelmente algo de novo debaixo do Sol.

«Sempre Pronto» no Jambori no Ar

Em 1961, novamente esteve *no ar* esta actividade escotista. Todavia, em 1962, foi possível dar-se entre nós mais um passo importante na nossa participação: «*Sempre Pronto*» entrou directamente no jogo, graças à colaboração preciosa de um radiamador, que se havia de tornar um dos mais entusiastas paladinos do Jambori no Ar: o sr. Afonso Correia, de Lisboa, que amàvelmente pôs o seu emissor CT1KM à disposição dos escoteiros, por intermédio do nosso jornal. Escutaram-se estações francesas, italianas e inglesas, mas só foi possível contactar com um emissor do Canadá. O elevado número de postos a operar simultâneamente impediu que se obtivessem melhores resultados.

Finalmente os Serviços Centrais entram no jogo

Em 1964, durante o VII Jambori, atingiram-se em Portugal resultados muito animadores quanto à participação dos grupos de escoteiros, até essa altura pouco receptivos ao empreendimento. Além de «*Sempre Pronto*», com dois postos na região de Lisboa, estiveram *no ar* os Grupos 84, do Entroncamento, 6, de Olhão, 2, 5, 13 e 53, de Lisboa, 77, de Faro, e vários postos onde actuaram nossos camaradas do CNE. A partir desse ano, a AEP assumiu, entre os nossos grupos, a direcção desta importante actividade, na qual viria a revelar-se o excelente espírito organizador do seu secretário-geral adjunto, o E. C. Justino Estêvão da Silva.

Veio 1965 e nova dimensão foi dada ao Jambori no Ar com a presença das guias de todo o mundo. O acontecimento ganhou, nesse ano, um cunho nítido de cooperação com os outros organismos mundiais da juventude.

Em Portugal, os escoteiros estiveram em 17 postos, distribuídos por Lisboa, Porto, Faro, Amadora e Queluz. Houve contactos com 17 países estrangeiros e ainda com a Madeira, Angola e Moçambique.

1966 e 1967 marcam novos êxitos nesta iniciativa, não só no campo internacional, como entre os escoteiros portugueses, neste caso mercê da organização levada a cabo pelos Serviços Centrais da AEP.

E assim, de ano para ano, vai o Jambori no Ar alargando a sua acção e integrando os escoteiros de todas as partes do mundo, numa jornada de fraternidade em que a juventude tem a oportunidade de compreender, nas breves horas da sua realização, a fragilidade das barreiras impostas pelos preconceitos de raça e de facção.

Os Jamboris no Ar são já uma confortante realidade. É de esperar que, de futuro, este intercâmbio escotista se torne, cada vez mais, uma resposta positiva às palavras de B.-P., quando no Jambori de Vogelenzang proclamou: «*Espalhai a fraternidade no mundo*». Os milhares de vozes juvenis que se cruzam nos ares nesta missão de boa vontade são a mais acalentadora promessa da realização do anseio do Fundador.

DE ANGOLA

Os Escoteiros de Portugal em Benguela

O Grupo de Escoteiros de Portugal em Benguela tem prosseguido uma bem orientada e intensa actividade, que se reveste dos mais variados aspectos, como jogos de cidade, acampamentos, excursões, bivaques e até bem elaborados programas de rádio, organizados de colaboração com o grupo local do Corpo Nacional de Escutas.

ACAMPAMENTOS

Em 27 de Julho passado, no local conhecido por «Bimbas», efectuou-se um acampamento de fim de semana, com 24 elementos, sendo 12 escoteiros e 12 guias (escoteiras). O acampamento foi dirigido pelo Caminheiro Nunes Pereira, sendo digno de registo a boa ordem e bom espírito em que decorreu a actividade.

De 13 a 19 de Agosto, realizou-se uma excursão a Sá da Bandeira, em que tomaram parte 10 guias (raparigas) e 11 escoteiros, que permaneceram acampados durante os dias de estadia naquela cidade. Nesta excursão e deslocações que proporcionou foram percorridos 900 km. A actividade foi patrocinada pelos srs. Governadores de Benguela e da Huíla, bem como pelo caminheiro Nunes Pereira.

PROGRAMA RADIOFÓNICO «ESCOTISMO EM MARCHA»

Desde 14 de Julho último, o Grupo de Benguela, sob a orientação do Chefe António Augusto da Silva e Cunha, vem mantendo no Rádio Clube de Benguela, todos os domingos às 19 horas, o programa «Escotismo em Marcha», com a colaboração do Agrupamento n.º 248 do C. N. E.

Este programa escoteiro tem despertado o maior interesse entre muitos ouvintes e tem servido para divulgar os objectivos do Escotismo, devendo destacar-se a colaboração que tem sido dispensada pelo Sr. Cruz Gomes, chefe de Produção daquele Posto.

EFECTIVO DO GRUPO

O efectivo do Grupo de Benguela é agora constituído por uma Companhia de Guias com 10 elementos e um «ninho» de fadas com 3. Dois bandos com 9 lobitos, uma equipa de caminheiros com 4, três patrulhas de escoteiros com 14 elementos, dispondo ainda de 6 dirigentes, num total de 47 membros.

Filatelia

por MENDES MARQUES

Os selos do reino do Sião

As três emissões do Sião de 1920 são prato obrigatório em qualquer boa colecção. Efectivamente, a sua raridade, a que, lògicamente, corresponde um preço de catálogo muito acima das possibilidades de muitos coleccionadores, confere-lhe bastante relevância na pontuação da colecção quando da sua apreciação por um júri.

Não são muitos os elementos conhecidos sobre estas emissões, mesmo entre especialistas, talvez a razão por que não há muitos anos que os selos atingiram cotações altas.

Pode-se apreciar estas emissões sobre ângulos diferentes, tudo dependendo da categoria do filatelista. Assim, podemos considerar a primeira como a 1.ª, 2.ª, 3.ª, ou 4.ª emissão escotista. Como?

1.ª — Se se coleccionar, tendo por base a data da fundação do Movimento e se se consultar o catálogo Yvert;

2.ª — Se se tiver em conta a emissão de Mafeking, anterior, portanto, a 1907, e usando o mesmo catálogo;

3.ª — Para filatelistas mais evoluídos e que se guiem pelos catálogos Michel ou Stanley Gibbons, que incluem os dois selos da Checoslováquia, aqui mencionados num dos números anteriores;

4.ª — Idem, mas que conheça a sobrecarga aposta nos mesmos selos, cuja menção é apenas feita pelo catálogo alemão Zumstein.

Por aqui se conclui que nunca devemos estar certos de não haver mais selos a considerar.

São contraditórias as datas daquelas emissões. Assim, a 1.ª emissão teria sido em Fevereiro de 1920, segundo o catálogo do Scout Stamps Collectors Club, ou em 23 de Julho de 1919, por ocasião do Acampamento nacional de Ban Pong, de acordo com um artigo inserto, na revista «*Filatelia Italiana*»; a 2.ª, em Fevereiro de 1920, ou 2 de Abril do mesmo ano, quando do acampamento de Tisit Thani; e a 3.ª, em 17 de Dezembro de 1921, ou 18 de Setembro de 1920, segundo as mesmas fontes, respectivamente. O catálogo Yvert apenas menciona o ano de 1920.

Qual a verdadeira? Se é verdade que a primeira tem o aval do competente S. S. C. C., a 2.ª parece ser a mais lógica, quer pelo tempo que medeia entre as datas indicadas, quer pela referência aos acampamentos nacionais, motivos apropriados para tais emissões.

As sobrecargas — fundos escotistas — nas duas primeiras emissões foram feitas com carimbo de borracha. Para além da legenda em siamês e em inglês, a sobrecarga era completada com uma cabeça de tigre que ainda hoje faz parte da insígnia escotista tailandesa. A razão da cabeça do tigre provém do seu fundador — Clemenceau —, que, em França, era conhecido pelo «Tigre», devido às suas intervenções políticas. No Sião, reinava então Rama VI.



type I



type II



type III

As sobrecargas das três emissões

Os selos, vendidos durante os acampamentos citados, levaram, no verso, um carimbo circular, grande na 1.ª e pequeno na 2.ª.

A numeração Yvert dos referidos selos é a seguinte: 146/51 — 152/7 — 165/71.

Alexandre Ascenção Cardoso

Realizou-se na cidade de Milão, de 2 a 4 de Setembro, o VI Congresso Internacional de Normalização Contabilística Económica de 1968, em cujos trabalhos tomou parte uma representação portuguesa do Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa, chefiada pelo antigo escoteiro e nosso prezado assinante Sr. Alexandre Ascensão Cardoso, técnico de contas que tem marcado uma posição de muito brilho no estudo dos problemas de Contabilidade.

Comandante Daniel Rocheta

Foi promovido ao posto de capitão-de-mar-e-guerra o Sr. Comandante Daniel Rocheta, chefe nacional adjunto do Corpo Nacional de Escutas e nosso prezado assinante, motivo por que lhe dirigimos as nossas felicitações.

«A CAPITAL» fala do Escotismo

No seu suplemento diário de 13 do corrente mês, A Capital *acolheu com grande relevo um artigo do sr. Rui Canas Gaspar sobre Escotismo, que vem acompanhado de boas gravuras e de um retrato de Baden-Powell. Trata-se de uma simpática atitude do prestigioso vespertino, absolutamente natural, dadas as provas de interesse e apreço que o seu Director, sr. dr. Norberto Lopes, sempre tem dedicado ao nosso Movimento, enquanto o sr. dr. Mário Neves, Director Adjunto, é um ilustre antigo escoteiro que, na mocidade, foi membro do 2.º Grupo de Escoteiros de Portugal.*

Devemos também felicitar o Autor pela forma como desenvolveu o artigo, tão interessante que não saiu demasiadamente prejudicado pela preocupação de pôr em evidência o Corpo Nacional de Escutas. Certamente que esta associação é a que tem HOJE maior número de elementos, com o que todos nos congratulamos. Não podemos, no entanto, aferir o valor de uma colectividade sòmente pela quantidade dos seus membros. Deveria ser reconhecido que a A. E. P. é a associação escoteira portuguesa por onde passaram até hoje mais rapazes e que tem tido maior projecção na vida social, exactamente porque não está limitada a uma Igreja, mas exerce a sua acção junto de rapazes de todas as crenças, de harmonia com o autêntico espírito escoteiro.

Não corresponde à verdade afirmar que a A. E. P. «está mais ligada às religiões não-católicas». A A. E. P. não está ligada a qualquer religião ou igreja, respeita todas, com todas está pronta a colaborar e aceita rapazes de todas as confissões que estejam prontos a prestar o Compromisso de «Amar a Deus e a Pátria». Mas se quiséssemos procurar uma ligação, teríamos de optar pela Igreja Católica-Romana, já que os seus mais altos elementos são membros desta Igreja. No entanto, é justo que se afirme que se vive hoje na A. E. P. um ambiente de respeito pelas convicções religiosas de todos os seus membros, graças ao espírito compreensivo e de tolerância bem escoteira de que a Direcção tem dado repetidas provas.

Diz-se também que o Grupo fundado em Macau, em 1911, pertenceu à Associação dos Escoteiros de Portugal. Como, se a Associação foi fundada em 1913 e nessa altura parece que não existia já o Grupo de Macau? Será porque não era restritamente católico? Era um Grupo de Escoteiros e o Escotismo é um único. Os seus membros é que podem ser católicos, anglicanos, presbiterianos, baptistas, israelitas, budistas, maometanos, etc., etc.

Repete-se também ali um erro que já apontámos em determinada Enciclopédia: Que foi lady *Baden-Powell quem fundou o Escotismo feminino. Quando B.-P. quis fundar o Movimento das Guias, pediu a colaboração de sua irmã Agnes. Mais tarde, após o seu casamento, sua mulher interessou-se pelo Escotismo feminino e imprimiu-lhe notável desenvolvimento, mas não o fundou. O seu a seu dono.*

Ao referir a fundação em 1911 do Grupo de Macau, diz a seguir o articulista: Trabalhava-se já para um escotismo católico em Portugal, mas a ocasião ainda não tinha surgido. *Seria em 1911 que se trabalhava já para um «escotismo católico»? Não haverá um pouco de exagero?*

Em Portugal vai chegando o tempo próprio para principiarmos a trabalhar pelo Escotismo. Este espírito de facção está cada vez mais desactualizado e os Escoteiros não devem negar as doutrinas de que foram quase pioneiros.



O Grupo n.º 5 inaugurou uma nova sede

No passado dia 27 de Outubro, numa dependência do palácio da Fundação Espírito Santo, foi inaugurada a nova Sede do grupo n.º 5 da A. E. P.

Presentes ao acto o Sr. Dr. Guilherme Possolo, presidente da direcção daquela Fundação, o sr. arquitecto Pinto Leite, também da direcção da Fundação e presidente da direcção do Grupo n.º 5, Sr. Humberto Martins, presidente da direcção da Fraternal dos Antigos Escoteiros, alguns antigos escoteiros e numeroso público.

O chefe do grupo, Sr. Calás de Oliveira, agradeceu a presença de todos, especialmente dos membros da Fundação Ricardo Espírito Santo a quem se deve a sede que o grupo agora possui. Convidou seguidamente o Sr. Dr. Guilherme Possolo a descerrar o próprio retrato na sala de honra da Sede, como símbolo da gratidão dos escoteiros do **Cinco** e preito de admiração pela sua ilustre pessoa. Depois, pediu ao sr. arquitecto Pinto Leite para atravessar uma sala a que foi dado o seu nome, homenageando desta forma o presidente da direcção do Grupo.

A cerimónia da inauguração terminou com a inauguração de uma outra sala, à qual foi dado o nome do antigo chefe daquele Grupo Sr. Mário Fernandes, a quem os escoteiros prestaram carinhosa homenagem.

A sede, apesar de pequenina, apresenta interessante e característico aspecto escotista, tendo sido muito apreciada pelo numeroso público.

Numa dependência da Junta de Freguesia, seguiu-se depois uma sessão solene e recreativa, à qual estiveram presentes, além das já citadas individualidades, o Escoteiro-Chefe Geral, sr. comandante Tengarrinha Pires, os chefes dos núcleos A e B de Lisboa, representações de diversos grupos da capital e muito público.

Abriu a sessão o chefe do grupo, que, depois de agradecer todas as presenças, procedeu à cerimónia do «compromisso de honra» de alguns escoteiros do seu grupo e do grupo n.º 12, de Oeiras.

Findo este acto, tomou a palavra o presidente da Fraternal, que leu uma mensagem de exortação e fraternidade escotista.

Falou depois o Escoteiro-Chefe Geral que, depois de manifestar a sua satisfação em visitar os grupos de escoteiros, fez breves considerações sobre a situação do grupo em festa, que «se encontrava anteriormente em péssimas condições, pois nem sequer tinha alojamento», disse. Dirigindo-se aos escoteiros, ditou-lhes palavras de confiança e estímulo, afirmando-lhes que todos deveriam procurar respeitar a «LEI» e cumprir a «PROMESSA», pois isso faria deles verdadeiros Homens.

Agradeceu em nome da direcção da A. E. P. à Fundação Espírito Santo e em particular ao seu director sr. Dr. Guilherme Possolo, o interesse manifestado pelas coisas do Escotismo, distinguindo aquele ilustre dirigente da Fundação com a medalha associativa de **Agradecimento** e «com ela todo o reconhecimento da direcção da A. E. P., pois tudo o que faz pelo progresso de um grupo o faz sempre em benefício de todos nós».

O homenageado agradeceu sentidamente aquela distinção, tendo os escoteiros lançado no momento oportuno um característico BRAVO.

Seguiu-se um acto recreativo que decorreu com animação.

A. I.

DE SINTRA

Grupo n.º 93

Este grupo, que tem a sua sede na risonha vila de Sintra, continuou a desenvolver uma interessante actividade, tendo a Tribo efectuado actividades de campo nos dias 13 e 19 de Outubro passado, deslocando-se aos sítios de Seteais e Vigia, com a participação de número apreciável de escoteiros.

XI Jambori no Ar — Graças à amabilidade dos proprietários dos postos do Algueirão CTIJW e CTIUX, pôde este Grupo participar no Jambori no Ar, embora não tivesse conseguido obter grandes resultados. Teve, no entanto, o privilégio de ouvir os Escoteiros do Grupo de Escoteiros de Portugal no Dondo, Beira, anexo à Lusalite de Moçambique, bem como o n.º 15, do Porto, e ainda outros. Pôde ainda trocar mensagens com o Agrupamento n.º CXCVI do C. N. E., de Quelimane, que se encontrava no Posto CR7LI.

Guia de Secção do Grupo — O Escoteiro de 2.ª Classe João Pedro Mendes da Ponte foi nomeado Guia de Secção.

Falecimento — Devido a um lamentável desastre, faleceu o Sr. Francisco da Ponte, pai do antigo escoteiro e secretário da Direcção deste Grupo Sr. Abel Vieira da Ponte e avô do G. S. João P. Mendes da Ponte. A estes companheiros endereçamos os nossos sentidos pêsames.

Boa acção — Novamente este ano se vai realizar a B. A. do Natal, graças ao espírito de benemerência do Presidente da Direcção do «93», Sr. Manoel de Mattos, que constará de distribuição de géneros alimentícios a 25 lares de pessoas necessitadas. Para comemorar o Natal, projecta-se ainda a realização de duas reuniões de convívio escoteiro — *C.*

Homenagem à memória de ALBERTO LIMA BASTO

Pela Direcção de Rádio Clube Português, foi prestada homenagem póstuma a Alberto Lima Basto, fundador daquele organismo de radiodifusão e pioneiro da rádio em Portugal.

A cerimónia realizou-se, em 15 do corrente, no emissor de Miramar, onde a Sr.ª D. Maria Josefina Lima Basto, viúva daquele saudoso antigo escoteiro, descerrou um busto do homenageado.

Quatro palavras, insculpidas no busto: *Carácter — Perseverança — Amizade — Simpatia,* definem com rara felicidade o carácter de Alberto Lima Basto.



HÁ 20 ANOS "SEMPRE PRONTO" PUBLICAVA:

«A CRISE»

Quase todas as tropas escoteiras e mais núcleos de escotismo, desde que tenham um certo tempo de vida, já passaram pelo que se chama A CRISE.

Num grupo onde não há organização e justiça, onde os princípios de B.-P. são ministrados através do «funil» da incompetência do chefe e mais dirigentes, só uma crise é lícito esperar, provocada por estas más primícias, pela dessídia dos dirigentes, pela falta de bons princípios da instituição. E, coroando a crise, o desaparecimento deste núcleo de pseudo-escoteiros para felicidade do movimento.

A crise natural é aquela em que o chefe ou dirigente procede de acordo com os melhores princípios do escotismo, é cuidadoso pelos escoteiros, a justiça reina em todos os seus actos. Entretanto, o grupo que tinha trinta escoteiros, vê, quase de repente, seu número diminuir, num decrescimento assustador. As causas? Verdadeiramente não as há. É a crise que se apresenta.

São escoteiros que se retiram porque os pais resolveram que eles estudassem à noite, são escoteiros que mudam para outro bairro...

O Chefe do grupo de escoteiros que assim se vê visitado pela crise deve manter seu sorriso, reorganizar seus programas, ler ou reler suas obras escoteiras, visitar algumas tropas escoteiras para beber novos ensinamentos e verificar se caiu na «rotina» que tanto acabrunha os grupos escoteiros. E depois, com tanta e maior vontade, continuar a trabalhar com os dez escoteiros que ficaram do grupo de trinta. Com estes escoteiros, que são dos melhores, pois passaram pela rude prova da «crise», constituir um novo grupo, servindo os antigos escoteiros de monitores e auxiliares.

Recriminar-se, carpir, lamentar-se, é simplesmente contribuir para o aumento da «crise».

O chefe deve encarar de frente e como natural a «crise».

Começar sempre, em primeiro lugar, por fazer um severo auto-exame para ver se em algo contribuiu para a «crise».

Realizar excursões e acampamentos de grande interesse para os escoteiros restantes. Manter sua alegria e entusiasmo como se visse o seu grupo aumentar espantosamente de número, mesmo que se esteja dando precisamente o contrário. E dentro de pouco, a «crise» estará vencida com grande alegria de todos.

David M. de Barros

N. da R. — Ao transcrevermos estas linhas, publicadas em «Sempre Pronto» há já vinte anos, não queremos deixar de dedicar uma palavra de saudade a este nosso compatriota, grande amigo de todos os escoteiros portugueses e dedicado colaborador deste jornal.

David de Barros, que a morte nos roubou há doze anos, foi um escoteiro indefectível e obreiro infatigável do Escotismo Brasileiro, onde ocupou altos postos, mercê das suas invulgares qualidades de trabalho. Relembrar o seu nome é apontar a nobre figura de um Homem de vida exemplar: — um escoteiro autêntico.

Novas Assinaturas — A Campanha Avança!

Dois Grupos de Escoteiros corresponderam ao apelo e enviaram-nos novas assinaturas. O Grupo n.º 6, de Olhão, uma das mais antigas unidades dos Escoteiros de Portugal, e o Grupo n.º 23, de Queluz, a mais moderna unidade registada e também presentemente, uma das mais activas:

De Olhão, inscreveram-se os assinantes Escoteiros João Fernando António Guerreiro, José António da Silva e Edmundo João de Jesus Almeida.

De Queluz, os Escoteiros João Fulberto Silva e Alberto Henrique Estrela.

E ainda os srs. Jorge Dias Fernandes, do Porto, e Marçal de Sousa Lopes, antigo escoteiro do Grupo 6, de Olhão.

A todos os nossos agradecimentos.

ANTIGOS ESCOTEIROS

Visita dos antigos escoteiros ingleses

A caminho do Algarve, passaram por Lisboa os antigos escoteiros ingleses senhores Eric K. Pitts, um dos componentes da assembleia de Durham, e major Kenneth Cox, acompanhados de suas esposas.

A Fraternal aproveitou o ensejo para os homenagear com um jantar num restaurante de Lisboa, a que se associou um bom número de companheiros, jantar que se realizou em 9 de corrente.

Durante o repasto, foi notório o espírito de confraternização por todos revelado e a boa disposição geral.

Em seguida, os convivas deslocaram-se à sede da Fraternal, cujas dependências mereceram os maiores elogios dos nossos visitantes.

Numa breve cerimónia, a Direcção da Fraternal ofereceu aos forasteiros emblemas bordados e orquídeas às senhoras. Mais tarde, ser-lhes-ão remetidos pelo correio galhardetes da Fraternal.

Seguiu-se uma pequena festa, em que foram entoadas canções escotistas e trocadas palavras de saudação, que a todos encheram de satisfação.

O «Magusto» da Secção de Campismo

No Domingo, dia 10 do corrente, a Secção de Campismo da Fraternal promoveu no Parque de Escotismo da Caparica uma reunião de confraternização com o pretexto de um magusto. Estiveram presentes diversas famílias de antigos escoteiros, bem como alguns escoteiros do activo, que tomaram o seu almoço em conjunto e saborearam as castanhas assadas em fogueira.

De manhã, tiveram ocasião de receber a visita dos antigos escoteiros ingleses srs. Eric K. Pitts e Major Kenneth Cox, bem como as respectivas esposas, que percorreram demoradamente as instalações do Parque, tendo manifestado o seu agrado pelo que lhes foi dado encontrar.

O Presidente da Fraternal, sr. Humberto Martins, acompanhou todas as actividades e, de tarde, participaram na reunião os srs. Luís Grau Tovar de Lemos e Eng.º José M. Nobre Santos, adjuntos do Escoteiro-Chefe Geral.

Durante a tarde, realizaram-se interessantes jogos que serviram de agradável distracção, tendo sido distribuídos prémios muito típicos pelos primeiros classificados.

Foram ainda exibidos filmes escoteiros e escutado um programa de rádio, gravado em fita e organizado pelo Grupo 36, de Benguela.

Festa do fim do ano

À semelhança do que se fez no ano passado, a Direcção da Fraternal vai realizar, na noite de 31 de Dezembro p. f., a festa do fim do ano, que se espera obtenha o êxito verificado na anterior.

A reunião será realizada na sede dos serviços Centrais da AEP, no Cais do Sodré, por amável deferência do sr. Presidente da Direcção da AEP.

A Direcção da Fraternal tem o maior empenho em que esteja presente grande número de antigos e actuais escoteiros, para que assim possa reinar um espírito de confraternização verdadeiramente escotista.

O Sr. Prof. Marcelo Caetano recebeu a Direcção da Fraternal

O sr. Presidente do Conselho, Professor Dr. Marcelo Caetano, sócio fundador da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, dignou-se receber, no dia 21 do corrente, no seu gabinete, a Direcção da Fraternal, que lhe apresentou cumprimentos e felicitações pela sua nomeação para o alto cargo que actualmente ocupa.

No próximo número referir-nos-emos mais detidamente a este acontecimento.

Do Entroncamento

Grupo n.º 84

ACAMPAMENTO ANUAL

O Grupo do Entroncamento, que se encontra em período de intensa actividade, realizou de 28 de Setembro a 6 de Outubro um acampamento geral de todos os seus membros. O campo foi instalado no Parque de Campismo, cedido pelo Presidente do Município do Entroncamento, que se encontra situado no extremo da vila, junto à estrada que segue para Tomar e Abrantes, em local que os próprios Escoteiros começaram a desbravar em época anterior à existência daquele parque.

Foram armadas sete tendas e participaram no acampamento 33 elementos entre lobitos, escoteiros e dirigentes. Foram efectuados diversos trabalhos de pioneirismo, destacando-se a construção, pelas patrulhas «Galo» e «Leão», de uma ponte «Himalaia» sobre um ribeiro de 20 metros de largura e 4 metros de altura. A patrulha «Vasco da Gama» construiu no campo outra ponte suspensa de árvores. Na construção das duas pontes foram empregados 80 metros de corda grossa e 300 metros de espias.

O acampamento decorreu em concurso interpatrulhas, tendo sido classificada em primeiro lugar a «Galo». O júri foi constituído pelo Sr. José Duarte Coelho, presidente da direcção do Grupo; D. Maria Aurora Costa, esposa de um antigo escoteiro; pela Sr.ª D. Maria Silvéria Horta, esposa do chefe do Grupo, e pelo Sr. João C. Cardoso, chefe administrativo da unidade.

Nas provas desportivas e jogos escoteiros foram as seguintes as classificações em primeiro lugar:

Corrida interpatrulhas de 200 m. — Patrulha «Vasco da Gama».

Corrida de 200 m. Lobitos — Mário Vergamota.

Corrida de sacos. Lobitos — Mário Vergamota.

Corrida de sacos Avezinhas — Maria Paula.

Corda queimada — Interpatrulhas — Patrulha «Galo».

Saltar a corda — Avezinhas — Maria Gabriela.

Destacaram-se ainda noutros jogos o aspirante Loureiro, o escoteiro Canais, o lobito Luís Filipe, a avezinha Maria Gabriela, o escoteiro Vítor, a avezinha Teresa Maria e outros. A todos os vencedores foram distribuídos prémios.

No dia 5, efectuou-se um fogo de conselho de encerramento em que participaram todos os escoteiros e lobitos acampados, bem como as Avezinhas, com a assistência de muito público que durante duas horas aplaudiu com entusiasmo os diversos números apresentados. O fogo foi dirigido pelos Chefes Horta e Folgado.

O Presidente do Grupo visitou a Sede

O Sr. José Duarte Coelho, presidente do «84» e grande impulsionador do Grupo, sempre a dirigir palavras de estímulo aos chefes e escoteiros, visitou a sede da unidade nos dias 1 e 15 de Outubro, a fim de se inteirar do desenvolvimento do Grupo, tendo manifestado o seu contentamento pelo número sempre crescente de Lobitos e Avezinhas, e proferido palavras de incitamento para que todos prossigam com boa vontade no labor empreendido.

Os Escoteiros Portugueses participaram activamente no XI Jambori no Ar

Continuação da pág. 1

mensagem: *«A 1.ª Companhia das Guias Escoteiras do Porto envia amáveis saudações»*.

Para o êxito obtido, muito contribuiu igualmente a colaboração do radiamador mais novo de Portugal: o Sr. Alfredo Luís Lapierre Ferreira de Almeida, de 18 anos de idade, que, com o seu entusiasmo e alegria, aliados às suas excelentes qualidades de poliglota, imprimiu grande dinamismo e eficiência à emissão.

Também o nosso estimado amigo Sr. António Barbosa, secretário da direcção do Grupo 44, coadjuvou activamente esta actividade das guias nortenhas.



Um escoteiro do Grupo 23, de Queluz, tenta escutar os seus camaradas de outras terras

O Grupo 15 também fez bom trabalho. *A bordo* do CT1PS, do Sr. José Maria Martins Oliveira, do Porto, contactou com elevado número de postos: em Arouca, Algueirão, Odivelas e Régua e com os Grupos 44, em Pedras Rubras, 91, no lugar da Farrapa, e 6 e 77, em Faro, e ainda com a 1.ª Companhia de Guias, no Porto. Isto no que diz respeito à Metrópole, pois, com o Ultramar, contactou com Luanda, com o Grupo 39, em Benguela, com o Lobito e com o Grupo do Dondo e com Quelimane. Quanto ao estrangeiro: Espanha, Beirute (Líbano), um posto do sul da África, Ilhas Canárias, Rússia, Austria e Edimburgo (Escócia).

A mensagem, transmitida em português e inglês, era do teor: *«O Grupo 15 da AEP no Porto deseja boa caça a todos os Irmãos neste XI Jambori no Ar»*.

Outro «palmarès» pertence ao Grupo 17, que actuou no posto CT1CB, do radiamador Sr. Tenente Anísio Soares, também do Porto. Contactos efectuados: Francfort e Duisburg (Alemanha); Cholet, Metz e Caen (França); Neuchâtel (Suíça); Sebastopol (Ucrânia); Rijeka (Jugoslávia); Riga (Letónia); Susice (Checoslováquia) e dois postos dos Estados Unidos da América e da Polónia.

A mensagem enviada dizia: *«Saudações e cumprimentos dos Escoteiros dos Grupos 4, 15 e 17 da AEP para os Irmãos-Escoteiros dessa localidade»*.

Igualmente no Norte, o Grupo 44 teve escoteiros nos postos CT1BH, em Vila Nova de Gaia, CT1LD, em S. Mamede de Infesta, e CT1BY, em Pedras Rubras. Desconhecemos os resultados obtidos, o mesmo acontecendo com os Grupos 4, do Porto, e 41, de Vila Nova de Gaia.

Em Cucujães (Oliveira de Azeméis) esteve em actividade a secção do Grupo 91 naquela vila. Foram dignos de menção os resultados alcançados. Para tal, muito contribuiu a amabilidade do radiamador Sr. Augusto César Santos, com o seu posto CT1UE, do lugar da Farrapa, aonde se deslocaram os escoteiros de Cucujães. Contactos feitos: Rio Tinto, os Grupos 6 e 77, em Faro, 21, em Cascais, e 15 no Porto, bem como a 1.ª Companhia de Guias da mesma cidade. Com o Ultramar: Grupo 39, de Benguela e outro posto da mesma cidade; dois postos de Lourenço Marques e outro de Machava (Moçambique), onde estavam presentes camaradas do CNE. Com o estrangeiro: Suíça e Senegal.

Os escoteiros do 91 sentiram-se particularmente sensibilizados com a gentileza do distinto radiamador deste posto, que os transportou até Cucujães no seu automóvel.

No Algarve, o Grupo 60, de Vila Real de Santo António, também esteve *no ar*, com o emissor CT1TO. Não sabemos quais os contactos efectuados.

Em Faro, no posto CT1LN, do Sr. Paulo Vieira, estiveram os Grupos 77, daquela cidade, e 6, de Olhão. Foram muito interessantes os resultados obtidos e bem elaborado o relatório do radiamador Sr. Leiria Norberto. Contactos estabelecidos: 1.ª Companhia de Guias, no Porto; e Grupos 15, na mesma cidade, e 91, no lugar da Farrapa; e um posto de Cascais. Com o Ultramar: Henrique de Carvalho (Angola) e Polana e Lourenço Marques (Moçambique). No posto desta última cidade, encontrava-se operando o chefe Andrade, de Portimão.

Foram numerosos os contactos com o estrangeiro: Chelmsford, Blandford Forum, Brighouse, Wokingham, Birmingham, Bourne, Poolx, Bristol, Huddersfield, Saltash e Casa de B.-P., em Kensington (Londres), todos em Inglaterra. Na Alemanha: Bielefeld; na Holanda: Eindhoven. Foi ainda contactada uma estação, não identificada, do País de Gales.

Na região de Lisboa, os resultados obtidos, segundo cremos, não foram tão animadores como os que já referimos.

O Grupo 85 actuou no posto CT∅181, do radiamador Sr. Marcolino A. Fernandes, de Lisboa. Foram escutados postos de Espanha, Brasil e também de Portugal (Metrópole e Angola). Os escoteiros foram assistidos pelo radiamador Sr. José Fernandes Lopes da Silva.

O mesmo Grupo esteve *a bordo* doutro posto, propriedade doutro distinto radiamador: o Sr. Eng.º Jaime Grácias, de Lisboa. Foram trocadas saudações com Angola, Suécia, Noruega, Dinamarca, Estados Unidos da América e Botswana.

Outros Grupos estiveram em actividade: o 12, de Oeiras; o 19, da Pontinha; o 23, de Queluz; e o 93, de Sintra. O Grupo 21, de Lisboa, também esteve *a bordo* do CT1TC, em Cascais. De nenhum destes Grupos temos, por enquanto, conhecimento dos contactos estabelecidos, o mesmo acontecendo com o Grupo 52, de Angra do Heroísmo, que actuou através do posto CT2AP, do radiamador Sr. Vítor Jorge Pamplona Ramos.

Sabemos também que esteve *no ar* o «histórico» emissor CT1KM, propriedade do ilustre radiamador Sr. Afonso Correia, de Lisboa, que há um bom par de anos tem cooperado nesta iniciativa, da qual é um dos mais entusiastas e dedicados adeptos.

No Ultramar, pelo que respigámos do noticiário acima publicado, chegamos à conclusão de que, pelo menos, estiveram *no ar*, no CR6LB, o Grupo 39, de Benguela, e no CR7IX, o Grupo do Dondo, além dos dois postos de Lourenço Marques e do de Machava, com camaradas do CNE. Porém, os relatórios dos trabalhos levados a efeito ainda não são do nosso conhecimento.

Dentro do possível é nosso intuito darmos mais notícias acerca desta curiosa e interessante actividade escotista, logo que cheguem ao nosso poder.

DE QUELUZ

Grupo n.º 23

Comemorações do Armistício

A convite da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, este Grupo associou-se às comemorações do cinquentenário do Armistício.

Assim, no dia 9 do corrente, assistiu à missa celebrada na capela do Palácio Nacional de Queluz.

No dia seguinte, em Belas, juntamente com antigos combatentes, entidades oficiais, bombeiros e famílias de antigos combatentes, colocou um ramo de flores nas campas daqueles que tombaram pela Pátria.

À tarde, o Grupo depôs mais dois ramos de flores nas campas de antigos combatentes no cemitério de Sintra.

Naquela vila, foi ainda realizada uma cerimónia junto do Monumento aos Mortos da Grande Guerra, que terminou com um desfile dos escoteiros, forças militares do Exército e da Marinha e dos bombeiros, pelas ruas daquela bela estância de turismo, tendo sido prestada homenagem às entidades oficiais e a velhos combatentes que se encontravam postados em frente do edifício dos Paços do Concelho.

PROBLEMAS DO NOSSO TEMPO

Continuação da pág. 1

É certo que a Escola abre as portas aos jovens para que escutem a palavra dos Mestres, para que aceitem os seus postulados, no entanto recusa-se a atender os seus anseios, a ouvir os seus apelos, a atender mesmo as suas reclamações. A vida profissional é ainda mais severa. Aqui os jovens têm apenas de cumprir, obedecer a ordens emanadas do superior ainda que seja uma cabeça obtusa. Na vida pública, a menoridade conserva a gente nova em posição de tutelada. Cedo lhes é exigido cumprimento de deveres cívicos, mas só tarde lhe são conferidos direitos de cidadania.

Devemos reconhecer que a juventude constitui hoje parte muito importante da população. Em França, por exemplo, havia em 1962 quase seis milhões de jovens de 15 a 24 anos de idade e prevê-se que em 1972 o seu número seja de oito milhões e meio, numa população de 46 milhões e 51 milhões respectivamente. É verosímil que tão importante massa humana queira intervir no mundo em que vive, fazer ouvir as suas opiniões. Se lhe são recusados os meios legais de manifestar a vontade, envereda naturalmente pelo protesto, tenta a agitação e fàcilmente resvala na rebelião declarada, tanto mais violenta quanto mais forte for a repressão.

TENTAM-SE AS PRIMEIRAS SOLUÇÕES Se é lamentável que isto aconteça pela desordem que provoca, temos de reconhecer que tal atitude teve já o mérito de conseguir chamar a descuidada atenção dos adultos para sérios problemas que afectam a juventude.

Começa-se a ponderar a situação. Em França, depois dos graves acontecimentos de Maio, a Universidade vai sofrer profunda remodelação e os estudantes vão participar no governo das faculdades mediante representações livremente eleitas. Em Inglaterra, estuda-se a possibilidade de conceder direito de voto aos jovens a partir dos 18 anos de idade, para que se sintam responsáveis pelo governo da Nação.

Empresas progressivas integram também o seu pessoal admitindo delegados dos trabalhadores nos conselhos administrativos e proporcionam o acolhimento de sugestões, com prémios quando adoptadas, aceitando ainda toda a espécie de crítica, mesmo anónima. Por estes processos, o pessoal sente-se ligado ao progresso da empresa e de alguma forma intervindo na sua gestão

Felizmente que, um pouco por toda a parte, estes problemas estão sendo considerados. Reconhece-se já a necessidade de estruturar quer a Universidade quer outras instituições em moldes diferentes e abertos à cooperação de todos. É preciso que esta tendência se acentue cada vez mais.

OS SISTEMAS EDUCATIVOS A formação cívica deve começar na infância. É necessário treinar a criança e o adolescente no exercício da responsabilidade. O velho sistema de não permitir que a criança tenha opiniões, exigindo-se que se limite a cumprir as ordens dos pais, dos mestres e de todos aqueles que estão em autoridade, está errado. Se não devemos consentir que o menino se coloque na posição de tirano, submetendo-nos a todos os seus caprichos, cumpre-nos no entanto aceitar o diálogo. A criança deve ser escutada; o adulto deve tentar compreendê-la e deve fazer todo o possível para que seja compreendida a razão das suas ordens e o motivo por que as coisas devem ser feitas de determinada maneira.

Desde cedo devem ser dadas responsabilidades à criança e devem também ser-lhe confiadas pequenas tarefas. O sistema de substituir em todas as coisas a criança e o adolescente está errado. A excessiva protecção que tantas vezes os pais dispensam aos filhos, particularmente aos filhos únicos, permite-lhes supor que aos adultos cabem todas as responsabilidades e são estes os culpados de todas as contrariedades que os atingem.

À Escola e aos movimentos juvenis cabe importante missão nesta obra educativa e cumpre-lhes completar esse treino de cidadania iniciado no seio da família, facilitando a integração nas instituições em que os novos participam. Confiar nos jovens e exigir-lhes responsabilidade é o grande segredo da preparação e adestramento para a vida cívica.

O ESCOTISMO — SISTEMA EDUCATIVO VÁLIDO Os educadores testemunham o importante papel que o Escotismo desempenha neste treino da juventude, quando é bem conduzido. O sistema de patrulhas permite que rapazes ou raparigas promovam e realizem todas as actividades escoteiras e assumam a responsabilidade de diversas missões. O dirigente adulto desempenha no Escotismo um papel de presidente, de conselheiro, com direito a veto, é certo, mas de que só faz uso em caso de absoluta necessidade e depois de dar razão do seu acto. Os rapazes elaboram e executam os programas e exercem mesmo a disciplina. Enriquecem a personalidade, treinam aptidões e exercitam a vida comunitária de cooperação.

É PRECISO ESCUTAR A JUVENTUDE Naturalmente que para suavizar a actual rebelião juvenil o ideal seria transformar e reformar as condições sociais em que se vive. Seria conveniente que o espectro da guerra fosse varrido do mundo, que a violência desse lugar à justiça, que todos tivessem igual acesso à instrução e à cultura, aos meios de subsistência. Que a humanidade pudesse disfrutar de segurança. Isto será um ideal a atingir, mas não nos parece que esteja por agora ao nosso alcance. Entretanto, devemos aceitar os esforços das novas gerações para intervir nessa tão desejada reforma, facultando-lhes meios legais para fazer ouvir a sua voz e afirmar os seus anseios. Se negarmos aos novos o direito de expor os seus pontos de vista acerca das instituições que os integram e do mundo em que participam, conduzi-los-emos à frustração, deixando-lhes como único meio de acção o protesto, a revolta, que depressa resvalará na violência, com todo o cortejo de inconveniências. Merece a pena meditar neste problema. Há muito a fazer neste campo e poder-se-ão ainda evitar graves desastres.

UMA BELA INICIATITIVA

dos nossos camaradas conimbricenses do CNE

Seiscentas crianças reuniram-se no Parque da Cidade, pintando e desenhando em conjunto

Muitos meninos e meninas de Coimbra, de todas as condições, participaram numa «Tarde Infantil de Pintura», organizada pelo grupo de escoteiros da freguesia de Santo António dos Olivais, de Coimbra, com o patrocínio da Comissão Municipal de Turismo, da Junta Distrital, do Corpo Nacional de Escutas e de uma fábrica que ofereceu guloseimas do seu fabrico. As inscrições, que eram gratuitas e restritas a menores de 12 anos, atingiram seis centenas, número que só por si constitui prova da validade da iniciativa a qual irá ter certa continuidade, dado que os escoteiros, que a promoveram, falam já, num pequeno boletim que distribuíram pelos miúdos, em organizar uma tarde dedicada à cerâmica, uma gincana para crianças e um jornalzinho infantil.

O tempo facilitou a realização desta Tarde de Pintura, evitando que os pequenos participantes tivessem de refugiar-se no pavilhão do parque, que não poderia comportar tão elevado número. Eles puderam, assim, acomodar-se sob as árvores do recinto e pintar e desenhar em contacto com a Natureza, numa liberdade total, que foi extensiva aos próprios temas. Houve os que preferiram a paisagem, os que optaram pela natureza morta, os que procuraram reproduzir com fidelidade o emblema da Académica e os que não passaram de uns rabiscos ininteligíveis. Todos esses desenhos vão, agora, sofrer uma escolha, a fim de que os melhores possam ser expostos pùblicamente no Pavilhão de Turismo, daquela cidade.

SEMPRE PRONTO

Número 283

Novembro de 1968

MENSÁRIO ESCOTISTA

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Há escoteiros em Portugal!

A afirmação que encabeça estas linhas poderá parecer despropositada a quem desprevenidamente a ler. Todavia, ela tem uma razão de ser e foi a exclamação de prazer que nos arrancou a leitura de dois trabalhos do nosso irmão-escoteiro do CNE que se esconde sob o pseudónimo Melro Negro, *publicados na página «Escotismo» do «Diário do Norte».*

Quem, com tanta galhardia e de forma elevada — íamos a dizer heróica — emite tão judiciosos conceitos e coloca num plano tão digno o seu pensamento sobre o que devem ser as relações entre as associações escotistas portuguesas, vem provar à puridade que se encontra intimamente identificado com o espírito do método powelliano, o que nos dá pleno direito de proclamar convictamente que há Escoteiros em Portugal.

Não resistimos, por este motivo, à tentação de transcrever as saudáveis considerações daquele camarada, que oferecemos à meditação dos nossos leitores, transcrição que fazemos com a devida vénia:

C. N. E. e A. E. P. duas Associações num só ideal

Julga muito do público, levado pelo natural desconhecimento, que em Portugal só existe uma associação escotista, levando muitas vezes esse mesmo público a considerar só o Escotismo Português, aquele que «vem» do Corpo Nacional de Escutas.

Pois engana-se totalmente quem assim porventura pense.

No Escotismo Português estão federadas, e conjuntamente reconhecidas internacionalmente, duas associações escotistas, a saber: Corpo Nacional de Escutas e Associação dos Escoteiros de Portugal, as quais, irmanadas no mesmo Ideal do Escotismo, actuam na mais perfeita harmonia entre si.

Que diferença haverá então para que sejam duas e não uma só? É que a primeira compõe-se exclusivamente de jovens católicos e a segunda, no mais perfeito respeito pelos princípios escotistas, agrega em seu seio todos os jovens de boa vontade qualquer que seja o seu credo.

No entanto... sim, no entanto, qualquer das duas associações a que nos vimos a referir, exige dos seus Escoteiros a prática leal e sincera da sua religião, seja ela qual for, no que respeita à segunda; e a prática íntegra da vida cristã no que respeita aos Escutas do C. N. E.

Se mais diferenças há entre as duas associações escotistas portugueses, elas são de somenos importância, porquanto só se verificam quanto a cores do uniforme, emblema associativo e regulamento de orgânica interna em cada. Tudo o resto é igual entre elas, no mais alto espírito de fraternidade escotista.

Há, no entanto, que intensificar sempre, a cada vez mais, esta unidade entre si, por forma a conseguir-se os melhores resultados desta fraternidade comum. Para isso é necessário que se façam actividades de conjunto e outras!

Um dos factos atentórios aos bons princípios escotistas, e que ainda muito recentemente nos chocou, foi o caso de organizações estranhas ao escotismo estarem representadas no XIII Acampamento Nacional do C. N. E., quando a A. E. P., que nos conste, esteve ausente, embora o seu Presidente Geral fosse incluído na Comissão de Honra.

Mas isto nem só agora se verificou, outros casos vêm sucedendo com relativa frequência que em nada dignifica os princípios que alguns apregoam aos quatros ventos.

As duas associações, C. N. E. e A. E. P., desde sempre andaram de mãos dadas e de tudo que se fizer para a intensificação desses laços fraternais só o Escotismo Nacional lucrará.

O Corpo Nacional de Escutas e a Associação dos Escoteiros de Portugal são de facto, duas associações que trabalham irmãmente por um só ideal: o Escotismo.

Melro Negro

À Roda da Fogueira — já o esperava!...

Há muito já que sentia a necessidade de escrever um apontamento acerca das boas relações existentes entre o C. N. E. e a Associação dos Escoteiros de Portugal, e o desejo de fazer sentir que essas amistosas relações se intensificassem cada vez mais. E se há já mais tempo o aludido artigo não veio aqui a lume, foi porque, o mais das vezes, o espaço faltou e principalmente porque já esperava a habitual reacção que por vezes se nota em tais casos. Daí só há semanas o artigo que tinha em intenção publicar veio então a público.

No fim de contas, tudo sucedeu conforme esperava. Cartas, cartinhas, cartões e não sei que mais, foram-me lançadas ao correio como se não tivéssemos mais que fazer. Se uns houve que compreenderam a nossa boa intenção, outros vieram, com as suas reacções malévolas, encher mais um pouco o cesto dos papéis que para estes casos já tenho preparado.

Houve mesmo quem dissesse que escrevíamos conforme e donde as «massas» nos viessem. Mais: houve mesmo quem afirmasse que só sabíamos, afinal, fazer propaganda barata!...

Os primeiros é assim que afinal nos pagam a voluntariedade autêntica com que trabalhamos. Os segundos, se assim dizem ou afirmam é porque eles mesmos não sabem, ou melhor, não têm a força de vontade suficiente para fazer melhor. A prova do que afirmamos está precisamente na *fartura* da colaboração que nos é prestada pelos Agrupamentos!...

Afirmo-me membro do Corpo Nacional de Escutas e defendo-o tanto como a A. E. P., precisamente porque do mesmo modo poderia pertencer a esta. Direi mesmo que, apesar de a ela não pertencer directamente, e porque conheço bem os fins do Escotismo, tenho por ela a maior admiração, porque, apesar de todas as dificuldades e incompreensões, consegue manter-se fiel até ao fim, aos métodos escotistas de B.-P. Mais: porque trabalha mais conforme o espírito do Concílio Vaticano II.

Mas já estamos habituados a tudo, pois que tudo um pouco já nos sucedeu. Continuaremos a trabalhar e manter-nos firmes no nosso posto, cientes do valor do nosso método, do nosso sacrifício e do nosso trabalho.

O resto são lérias de pouco valor, e se algum tem ele é para nos incitar a fazer mais, e se nos for possível, melhor. Bem sabemos que as nossas possibilidades são limitadíssimas, precisamente porque a boa e leal colaboração escasseia. Têm pois uma palavra a dizer neste ponto, quer os membros do C. N. E. quer a A. E. P.

Só teremos razão às críticas — construtivas, bem entendido, — na medida em que nos esforçarmos por bem colaborar e trabalhar. O resto é que é fazer escotismo barato!...

Melro Negro

Dos Amigos de «Sempre Pronto»

Armando Gomes Lino

Este nosso prezado amigo, antigo escoteiro-chefe do Grupo n.º 53, de Lisboa, encontra-se novamente doente, tendo sido internado num estabelecimento hospitalar desta cidade.

Fazemos ardentes votos de que este nosso querido companheiro retire os melhores resultados do tratamento a que está a submeter-se e assim tenha o rápido e completo restabelecimento que todos desejam.

Eficiência

Do discutido escritor italiano Pitigrilli, transcrevemos este curioso episódio:

«Um destes, recomendado, ninguém sabe por que vias, por um ministro, arranjou um emprego e, dado que tinha lido Camus e Sartre, julgava que, se o destino devia empurrá-lo para a frente, a sua carreira desenvolver-se-ia por si mesma, sem que para tal ele contribuísse. Um dia, apresentou-se ao director:

— O senhor promoveu o meu colega que não tem mais méritos do que eu.

— Parece-lhe? — respondeu-lhe o director.

E acrescentou:

— Oiço um barulho na rua. Que é? Vá ver.

Regressando vários minutos depois (tendo, entretanto, acendido um cigarro), disse:

— Era um carro.

— Carregado de quê?

— Vou ver.

Regressou:

— De sacos.

— Sacos de quê?

— Vou ver.

Regressou:

— Cimento.

— Para quem.

— Não me informei. Vou perguntar.

Saiu outra vez. Tornou a entrar:

— Para a firma em frente.

Finalmente o director, para não perder mais tempo, mandou-lhe:

— Vá chamar o seu colega.

E repetiu as mesmas palavras:

— Oiço um barulho na rua. O que é? Vá ver.

O outro empregado ficou lá fora um instante e referiu:

— É um carro carregado de cimento, chegado esta manhã ao porto, no barco de carga «Carolina», destinado à firma Smith e proveniente de Portland. De oitenta sacos, romperam-se dois na viagem, mas os outros setenta e oito estão intactos. O condutor do camião é um negro e chama-se John.

O director voltou-se para o jovem descontente com a promoção do colega:

— Aqui está porque o promovi a ele e não a si.